

A NOÇÃO DE REGRA VARIÁVEL NA MORFOSSINTAXE: UM ESTUDO DAS FORMAS VERBAIS ESPANHOLAS “DEJÓ” E “HA DEJADO”

THE NOTION OF VARIABLE RULE IN MORPHOSYNTAX: A STUDY OF THE “DEJÓ” AND “HA DEJADO” SPANISH VERBAL FORMS

Leandra Cristina de Oliveira
Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Lingüística - UFSC

Resumo

Fundamentado na Teoria da Variação e Mudança Linguística, este artigo apresenta uma discussão sobre a possibilidade de estender a noção de regra variável para além do âmbito da fonologia. O fenômeno investigado é as formas simples e composta do pretérito perfeito da língua espanhola. Analisando o uso dessas formas verbais em dados da língua escrita – notícias de jornais virtuais publicadas em sete países hispânicos –, o objetivo é mostrar que o estudo da variação é também possível no plano morfossintático. Os resultados obtidos corroboram essa afirmação, evidenciando tanto o contexto em que a variação pretérito perfeito simples e pretérito perfeito composto é absolutamente clara, quanto o contexto em que a regra parece ser praticamente categórica.

Palavras-chave: Sociolinguística. Regra variável. Morfossintaxe. Pretéritos perfeito simples e perfeito composto castelhanos.

Abstract

Based on the Theory of Language Variation and Change, this paperwork presents a discussion about the possibility to extend the notion of variable rule beyond the scope of phonology. The phenomenon investigated is the simple and composed forms of past tense in the Spanish language. Virtual newspapers published in seven Hispanic countries have been analyzed. The objective of analyzing the use of these verbal forms data of the written language is to show that the study of variation is also possible in the morphosyntactic level. The results obtained corroborate this affirmation evidencing both the context where simple and composed forms variation is absolutely clear, and the context where the rule practically seems to be categorical.

Keywords: Sociolinguistic. Variable rule. Morphosyntax. Castilian Simple Past and Present Perfect.

1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre a possibilidade de estender a noção da regra variável para além dos estudos fonológicos é recorrente na área da Sociolinguística (WEINER; LABOV, 1983; LAVANDERA, 1978; LABOV, 1978, entre outros). A favor dos argumentos que defendem tal possibilidade, analiso, neste trabalho, os pretéritos perfeito simples (*dejó*) e perfeito composto (*ha dejado*) da língua castelhana, apoiando-me no quadro da Teoria da Variação e Mudança Linguística.

O foco desta investigação consiste em: i) sustentar que também é possível analisar variantes linguísticas no plano da morfossintaxe; ii) analisar contextos em que perfeito simples (PS) e perfeito composto (PC) apresentam o mesmo valor de verdade, conforme a definição de variantes linguísticas apresentadas na seção 1.1 e iii) verificar se há contextos em que a regra é categórica, ou seja, contextos em que não é possível intercambiar ambas as formas. É importante ressaltar que a análise das formas verbais em questão se dá via categoria *tempo*, fundamentalmente.

2 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA

O reconhecimento da variação estrutural e ordenada da língua é o que direciona esta investigação à Teoria da Variação e Mudança Linguística, na qual a tentativa de romper o axioma da homogeneidade linguística, preconizado pelo estruturalismo saussureano, é fortemente percebida. Ainda que essa tentativa tenha sido difundida através dos estudos de Weinreich, Labov e Herzog (1968), Labov (1999 [1972]; 1978; 1994; 2001), é importante lembrar que a noção da heterogeneidade linguística precede aos estudos sociolinguísticos antes mencionados. Contemporâneo a Saussure, Meillet (1921 *apud* LABOV, 1999 [1972]), previa o estudo da mudança linguística a partir da observação da mudança social – discussão na qual estão assentados os pressupostos labovianos surgidos cerca de quatro décadas mais tarde.

Os membros do círculo de Praga também apresentaram considerável interesse pela variabilidade linguística. Conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 105), em 1911, Mathesius negava a exigência de Paul de estudar as línguas a partir de sua homogeneidade. Outros membros dessa mesma escola prosseguiram com o interesse pela variação e pela mudança linguística. No entanto, lembram os autores que faltou àquele período uma formalização do ponto de vista da heterogeneidade linguística, bem como o desenvolvimento de “métodos empíricos para trabalhar dentro da comunidade de fala, o que lhes permitiria investigar os processos de mudança contínua de maneira convincente.” Na sequência, Weinreich, Labov e Herzog defendem que apontar a existência ou a importância da variabilidade não seria suficiente: “é necessário lidar com os fatos de variabilidade com precisão suficiente para nos permitir incorporá-los em nossas análises da estrutura linguística.” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 107).

Nesse contexto, os autores advertem para a necessidade de se construir uma teoria que dê conta de explicar mudança e estruturalidade, isto é, que seja capaz de responder à pergunta: “Se uma língua tem de ser estruturada para funcionar eficientemente, como ela funciona enquanto a estrutura muda?”

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 13), a resposta a essa questão dependerá primeiramente do abandono da noção de homogeneidade linguística, uma vez que “esse axioma estabelece uma identificação entre estruturalidade e homogeneidade, ou seja, só é possível detectar estrutura num recorte que homogeneize o objeto.” Segundo os autores, é preciso buscar caminhos que harmonizem “os fatos da heterogeneidade (a língua como uma realidade inherentemente variável) com a abordagem estrutural (a língua como uma realidade inherentemente ordenada)”.

Essa heterogeneidade ordenada, conforme os autores, é regulada por regras variáveis, as quais funcionam para favorecer o emprego de uma ou outra variante, em determinados contextos linguísticos e extralingüísticos. Como lembram Weinreich, Labov e Herzog, cabe ao pesquisador analisar empírica e sistematicamente os fatores sociais e/ou estruturais que motivam a escolha de uma certa variante. É o que proponho neste trabalho: analisar os contextos que condicionam a variação PS e PC. Antes, porém, vale apresentar uma síntese da discussão sobre regra variável trazida pela Teoria da Variação e Mudança Linguística.

2.1 A noção de Regra Variável

Conforme mencionado, o estudo da variação opera metodologicamente através de variantes linguísticas, as quais representam a opção de dizer o mesmo de diferentes maneiras, sendo, então, idênticas em seu valor referencial (ou de verdade), mas opostas social e/ou estilisticamente (LABOV, 1999 [1972], p. 338).

Essa noção de variante linguística é bastante recorrente no âmbito da fonética, cujos trabalhos precursores são o estudo da centralização dos ditongos (*ay*) e (*aw*) na fala dos nativos da ilha de Martha's Vineyard, e a estratificação do /r/ na fala de Nova Iorque – respectivamente, dissertação e tese de Labov (1963; 1966).

A facilidade em se reconhecer que duas ou mais variantes apresentam um mesmo valor de verdade no domínio da fonologia talvez justifique a quantidade expressiva de estudos sociolinguísticos nessa área. Investigadores do português, por exemplo, vêm analisando a fonética desse idioma, averiguando fenômenos como a variação do (r) em final de sílaba. Segundo Callou *et al.* (1996), tal fonema pode ser realizado como uma fricativa velar em Salvador e no Rio de Janeiro, como uma vibrante alveolar em Porto Alegre e em São Paulo, e como uma aspirada em Recife. Passando à esfera da língua castelhana, podemos citar a investigação de Cedergren (1969) sobre a realização do fonema /tʃ/ no espanhol panamenho, o qual pode ocorrer de duas maneiras: através da variante standard /tʃ/ (africada palatal), ou através da não-standard /ʃ/ (fricativa palatal) – fenômeno conhecido como *ch-lenition* (CEDERGREN *apud* CHAMBERS, 1995, p. 204).

Fora do domínio da fonologia, contudo, a análise de variantes linguísticas – ‘diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade’ (TARALLO, 1999, p. 8) – nem sempre é aceita. Como dizer que *el ciclón dejó un rastro de destrucción* e *el ciclón ha dejado un rastro de destrucción* possuem o mesmo valor de verdade? Independente do contexto, realizar o (ch) como /tʃ/ ou /ʃ/ no espanhol panamenho é indiferente quanto ao significado referencial, ou seja, /tʃ/ ou /ʃ/ apresentam o mesmo valor referencial, opondo-se apenas socialmente. Não é o que podemos afirmar, pelo menos a princípio, ao tratarmos de variações morfossintáticas como *dejó* e *ha dejado*. Nesse caso, alguns linguistas aceitariam o desafio de analisar os contextos em que ocorre a variação, outros, por outro lado, descartariam a possibilidade de se admitir, exceto no âmbito da fonologia, que duas formas diferentes apresentam o mesmo significado. Verificamos um embate dessa ordem no diálogo entre Lavandera (1978) e Labov (1978), sobre os quais discorro a seguir.

2.1.1 Regra variável na morfossintaxe: (im)possibilidades

No trabalho *Constraints on the agentless passive*, Weiner e Labov (1983 [1977]) apresentam uma análise quantitativa dos fatores que determinam a seleção de construções passivas sobre as ativas no inglês americano. O foco da investigação está em selecionar os contextos em que ativas e passivas são variantes, reconhecendo, dessa forma, que certas construções não apresentam equivalência de significado. Para os autores, construções como *The closet was broken into* e *Somebody broke into the closet* apresentam matizes semânticos diferenciados, uma vez que não há sinônima absoluta. Lembram, no entanto, que, na maioria das vezes, as diferenças entre ativas e passivas dizem respeito ao foco ou à ênfase, o que é uma característica comum da reorganização dos elementos da sentença. Em suma, Weiner e Labov argumentam que as diferenças identificadas entre passivas agentivas e ativas com sujeitos pronominais genéricos não afetam o significado representacional, ou seja, não alteram a informação transmitida; trata-se apenas de uma diferença estilística: “there is ample evidence that the two forms are used interchangeably to refer to the same states of affairs.” (WEINER; LABOV, 1983 [1977], p. 30, 31).

É importante destacar, porém, que nem todos linguistas concordam com a conclusão a que chega o estudo da variação passiva/ativa. Para Chomsky e Lakoff, por exemplo, *everyone likes someone* e *someone is liked by everyone* não apresentam equivalência de significado, conforme Weiner e Labov (1983 [1977], p. 29, 30). O embate mais conhecido, no entanto, aparece entre Lavandera (1978) e Labov (1978), apresentando, em seus respectivos trabalhos, opiniões diferenciadas acerca de duas questões em especial: i) é possível estender a noção de regra variável para além da fonética? ii) uma variável motivada por fatores internos (apenas) consiste em uma variável sociolinguística? Enquanto Labov responde afirmativamente a ambas as questões, Lavandera refuta-as. Nos parágrafos que seguem, apresento o debate entre os autores no que se refere à primeira questão – foco desta pesquisa.

No estudo *Where does the sociolinguistic variable stop?*, Beatriz Lavandera critica a análise da variável sociolinguística em dados não fonológicos, argumentando que a análise fora do âmbito da fonologia tem diferentes *status*, uma vez que os dados não se distinguem por si só, ou seja, é preciso buscar outras variáveis. Lavandera alega que, por não terem significado referencial, as variáveis fonológicas podem ser explicadas por fatores sociais e estilísticos. Variáveis não-fonológicas, por outro lado, apresentam significado referencial; dessa forma, nem sempre é simples afirmar que duas variantes são socialmente diferentes, mas equivalentes em significado (LAVANDERA, 1978, p. 175, 176).

Em resposta à crítica de Lavandera, Labov publica o trabalho *Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera* (1978), no qual argumenta que não há nenhum problema em estabelecer igualdade de significado também na variável sintática. Tal afirmação pode ser sustentada conforme a ideia de significado que se assume. Ao contrário de Lavandera, Labov propõe estreitar a noção de significado, colocando dentro do mesmo ‘pacote’ o valor representacional e as diferenças estilísticas: *two utterances that refer to the same state of affairs have the same truth-value* (LABOV, 1978, p. 2). Um linguista formal, por outro lado, tende a alargar a noção de significado, defendendo que diferentes formas desempenham diferentes funções. Como lembra

Labov, o linguista formal é programado para encontrar a diferença entre *They broke into the liquor closet* e *The liquor closet was broken into*; para Weiner e Labov, contudo, as duas formas são variantes de uma mesma variável, já que ambas apresentam o mesmo valor de verdade.

Considerando que nem sempre duas formas morfossintáticas funcionam como variantes, como Weiner e Labov admitem no estudo da ativa e passiva, mas defendendo a possibilidade de se adotar a noção de regra variável no plano da morfossintaxe, a questão é: como conduzir a investigação? Labov (1978, p. 5) responde a esse tema. O primeiro passo, segundo o autor, é isolar e definir os elementos que variam ao longo de uma mesma dimensão, representando o mesmo estado de coisas. É a partir desse trabalho prévio e bem detalhado que o sociolinguista poderá isolar o contexto no qual aparece a variação, observando: i) casos em que um mesmo item apresenta função linguística diferente, ii) ambientes onde a variação é neutralizada, e iii) ambientes onde a regra é categorizada. Labov (1978, p. 6) adverte que “the definition of the variable requires a series of preliminary steps directed at eliminating all the contexts in which the two alternant forms contrast ,i. e. do not say the same thing.”

Ao analisar as variantes pretérito perfeito simples e pretérito perfeito composto no espanhol, via categoria *tempo*, pretendo averiguar quais os contextos que condicionam a regra variável, e, consequentemente, verificar se há contextos em que a regra é categórica. Passemos à análise.

3 DEJÓ E HA DEJADO: VARIANTES DE UMA MESMA VARIÁVEL?

O pretérito perfeito simples e o pretérito perfeito composto costumam ser objetos de diversas investigações do sistema verbal castelhano, uma vez que o uso dessas formas é bastante variável. Ao observar a língua em uso, verificamos dados como:

- (1) *El ciclón Sidr ha dejado un rastro de muerte y destrucción a su paso por Bangladesh.* (<http://www.elpais.com> – Espanha, 16/11/2007)
- (2) *El ciclón "Sidr" dejó más de 200 muertos a su paso por Bangladesh, con vientos de más de 200 kilómetros por hora* (<http://www.clarin.com> – Argentina, 16/11/2007)

Como se pode verificar nas ocorrências apresentadas em (1) e (2), a língua castelhana apresenta diferentes formas verbais para expressar fatos passados; interessam-nos aqui as duas formas do pretérito perfeito: simples (*dejó*) e composta (*ha dejado*). A partir dos dados acima, poderíamos conjecturar que *dejó* e *ha dejado* constituem uma variável linguística, já que ambas servem para transmitir a mesma informação: o resultado da passagem do ciclone em Bangladesh, ocorrido no mesmo dia em que a notícia foi proferida. Partindo do pressuposto de que a língua é econômica, a questão é verificar: i) o que favorece a variação entre PS e PC, e ii) qual a função dessas formas verbais.

Acerca da primeira questão, Oliveira (2007), analisando o uso dessas formas verbais em jornais virtuais de sete países hispânicos (Argentina, Bolívia, Chile, Cuba, Espanha, México e Peru), conclui que um dos principais motivadores da variação PS e PC é a diversidade geográfica do espanhol, ou seja, há uma variação diatópica no uso dos dois

pretéritos. Em suma, Espanha tende a empregar mais o perfeito composto comparado a países da América, como Argentina, Cuba e México, conforme mostra a tabela a seguir.

TABELA 1. Frequência e percentual de PS e PC em países hispânico-falantes (OLIVEIRA, 2007, p. 62)

Forma verbal	Contexto Geográfico							Total
	Es (Espanha)	Pe (Peru)	Mx (México)	Cu (Cuba)	Cl (Chile)	Bo (Bolívia)	Ar (Argentina)	
PS (<i>vi</i>)	229 74,1%	236 87,4%	259 90,6%	183 92%	168 92,3%	184 93,4%	224 95,3%	1483 88,4
PC (<i>he visto</i>)	80 25,9%	34 12,6%	27 9,4%	16 8%	14 7,7%	13 6,6%	11 4,7%	195 11,6%
Total	309 100%	270 100%	286 100%	199 100%	182 100%	197 100%	235 100%	1678 100%

Fonte: *Corpus de notícias mundiais no panorama hispânico*

Tais resultados levariam alguns pesquisadores a defenderem que *dejó* e *ha dejado* são variantes de uma mesma variável, ou seja, expressam a mesma informação, variando, apenas, geograficamente. Esse ponto de vista seguramente não nos levaria muito longe. Analisemos as ocorrências que seguem:

- (3) *Rechazar las políticas públicas de igualdad para las mujeres, y la filosofía de acción afirmativa que las anima, es una de las formas más características que ha tenido la derecha española para mostrar su profundo desapego hacia la igualdad.* (<http://www.elpais.com> – Espanha, 07/03/2007)
- (4) *Rechazar las políticas públicas de igualdad para las mujeres, y la filosofía de acción afirmativa que las anima, es una de las formas más características que tuvo la derecha española para mostrar su profundo desapego hacia la igualdad.*

O exemplo criado em (4) a partir da ocorrência em (3) mostra que, nesses casos, PS e PC não são intercambiáveis, pois há uma diferença de significado entre *ha tenido* e *tuvo* (no contexto em questão). Em (3), a forma composta contribui para a interpretação de um evento menos pontual: ao longo do tempo, a direita espanhola tem formas características para mostrar o desapego frente à igualdade. A substituição de PC por PS (exemplo 4) faz com que o acontecimento perca a marca de duração; a forma *tuvo* parece situar o evento em um plano temporal passado sem nenhuma relação com o presente, diferente do que ocorre em (3), no qual o evento estende-se até o presente da enunciação.

Dessa forma, temos até aqui argumentos que apresentam duas possibilidades: i) os dois pretéritos como regra variável (ocorrências 1 e 2); ii) os dois pretéritos como regra categórica (dados 3 e 4). Como se pode observar, na distinção entre as duas formas, entram em jogo, pelo menos, duas categorias: *tempo* e *aspecto*.

Nesta investigação, trato apenas da categoria *tempo*, focando a possível variação PS/PC em dois contextos: passado recente (ou ante-presente) e passado remoto, sobre os quais discorro a seguir.

3.1 A variação entre *dejó* e *ha dejado* no tempo

Esta seção abre um parêntese para discutir a função de cada uma das formas verbais do pretérito perfeito do indicativo no discurso – se há duas formas, é possível que, pelo menos na teoria, haja duas funções.

Segundo a norma gramatical, os dois pretéritos opõem-se via categoria *tempo*: o pretérito perfeito simples é empregado para representar eventos passados sem relação com o presente (*Ayer el ciclón dejó un rastro de destrucción*), e o pretérito perfeito composto, para representar eventos passados, mas que guardam alguma relação com o momento da enunciação (*Hoy el ciclón ha dejado un rastro de destrucción*). Por essa razão, a primeira forma verbal costuma aparecer acompanhada de advérbios relacionados com o passado (*ayer, la semana pasada, el mes pasado, aquél año, el último año, el siglo pasado*, etc.), e a segunda, de advérbios relacionados com o presente (*hoy, esta semana, este mes, el año actual, en el presente siglo*, etc.), conforme Alarcos Llorach (1984; 2001), Bello (1979 [1810]; 1984), Gutiérrez Araus (1997; 2005), Rojo; Veiga (1999), entre outros.

Considerando tal prescrição gramatical, refutaríamos a possibilidade de variação entre PS e PC, já que eventos situados no passado favoreceriam o uso de PS, e eventos situados no passado, mas, de alguma forma, relacionados com o presente favoreceriam o uso de PC, como observamos nas ocorrências a seguir:

- (5) *Fidel Castro ha anunciado este martes, a través de un discurso publicado en la edición electrónica del diario Granma, su renuncia a la presidencia...* (<http://www.elpais.com> – Espanha, 16/11/2007)
- (6) *Castro fue elegido parlamentario en las últimas elecciones, celebradas el pasado 20 de enero.* (<http://www.elpais.com> – Espanha, 16/11/2007)

Oliveira (2007) mostra, entretanto, que no plano temporal de passado recente (ante-presente), ou seja, na situação em que o evento guarda relação com o momento da enunciação, as duas formas do pretérito perfeito são intercambiáveis. Seguem os resultados:

TABELA 2. Pretéritos perfeito simples e perfeito composto no contexto temporal de ante-presente (Adaptada de OLIVEIRA, 2007)

Contexto temporal	Forma verbal	Contexto geográfico							Total
		Es (Espanha)	Bo (Bolívia)	Pe (Peru)	Cl (Chile)	Ar (Argentina)	Cu (Cuba)	Mx (México)	
Ante-presente (<i>Hoy</i>) ¹	PS (<i>Dejó</i>)	21 67,7%	5 71,4%	17 81%	12 85,7%	85 95,5%	67 95,7%	26 100%	233
	PC (<i>Há dejado</i>)	10 32,3%	2 28,6%	4 19%	2 14,3%	4 4,5%	3 4,3%	0 0%	25
Total		31	7	21	14	89	70	26	258

¹ “*Hoy*” representa todos os modificadores temporais relacionados com o momento da enunciação, como: *esta mañana, este año, el presente siglo, el mes actual, esta semana*, entre outros.

A tabela acima nos mostra que a norma estabelecida sobre o uso do pretérito perfeito composto na expressão de acontecimentos relacionados com o momento da fala não é completamente verificada em nenhum dos contextos geográficos analisados. Ao contrário da prescrição, a amostra do México apresenta 100% de frequência do pretérito perfeito simples – o que não quer dizer que a forma composta esteja em desuso nesse país. No que diz respeito às outras variedades, verifica-se a variação entre PS ou PC, em maior ou menor proporção: Espanha e Cuba, respectivamente. Esta última, em direção aos resultados do México, prioriza a forma simples; a primeira, a forma composta.

A seguir, são apresentadas algumas ocorrências que corroboram a variação entre as duas formas do pretérito perfeito no contexto temporal de ante-presente.

- (7) *Esta noche, Juan Pablo II fue dado de alta...*²
- (8) *Esta noche, Juan Pablo II ha sido dado de alta...*³
- (9) *Bachelet obtuvo el 53, 49% frente al 46,50% de Piñera.*⁴
- (10) *La ex ministra ha obtenido el 53,49% de los votos, frente al 46,5% del derechista Sebastián Piñera.*⁵

Como se pode observar nessas últimas ocorrências, o pretérito perfeito simples e o pretérito perfeito composto funcionam como variantes de uma mesma variável: a expressão de eventos terminados que ocorrem em um passado relacionado com o momento da enunciação. O modificador temporal *esta noche* não impede o uso de PS ou PC em (7) e (8). O mesmo ocorre com o advérbio *hoy*, o qual não aparece expresso nos períodos (9) e (10), mas é recuperável contextualmente no corpo da notícia. Considerando os contextos acima (evento terminado em um passado recente), defendendo que *fue dado de alta* e *ha sido dado de alta*, bem como *obtuvo el 53, 49%* e *ha obtenido el 53, 49%* apresentam o mesmo valor de verdade.

Se é possível conjecturar a variação PS/PC na expressão de ante-presente, resta verificar se o mesmo é válido para a expressão de passado remoto, isto é, se as duas formas verbais são variantes nos contextos em que aparecem modificadores temporais que não contemplam o presente da fala, como: *ayer, la semana pasada, el mes pasado, aquél año, el último año, el siglo pasado*, etc. Vejamos os resultados obtidos a partir da amostra de Oliveira (2007):

² Dado presente em periódico argentino. In: Oliveira (2007).

³ Dado presente em periódico espanhol. In: Oliveira (2007).

⁴ Dado presente em periódico cubano. In: Oliveira (2007).

⁵ Dado presente em periódico espanhol. In: Oliveira (2007).

TABELA 3. Pretéritos perfeito simples e perfeito composto no contexto temporal de passado remoto (Adaptada de OLIVEIRA, 2007)

Contexto temporal	Forma verbal	Contexto geográfico							Total
		Es (Espanha)	Bo (Bolívia)	Pe (Peru)	Cl (Chile)	Ar (Argentina)	Cu (Cuba)	Mx (México)	
Passado (Ayer)⁶	PS (Dejó)	60 96,8%	60 100%	82 100%	91 100%	49 100%	45 100%	65 100%	452
	PC (Ha dejado)	2 3,2%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	0 0%	2
	Total	62	60	82	91	49	45	65	454

Acerca do uso dos dois pretéritos na amostra analisada, a tabela 3 evidencia que, no contexto temporal de passado remoto, a regra é categórica em seis países: Bolívia, Peru, Chile, Argentina, Cuba e México. Em outras palavras, nos periódicos analisados, a presença de advérbios que não contemplam o momento da fala, exclui a possibilidade de variação: emprega-se o pretérito perfeito simples em detrimento do pretérito perfeito composto. Vejamos algumas ocorrências:

- (11) *Michelle Bachelet llegó por la mañana del jueves a Tocopilla y cuando se encontraba conversando con damnificados en este puerto, se registraron dos fuertes sismos de 6,2 y 5,9 grado.* (<http://www.larepublica.com.pe> – Peru, 15/11/2007)
- (12) *La desolación, impotencia y miedo prevalecen ayer en el norte de Chile, adonde acudió la presidenta Michelle Bachelet, tras un devastador terremoto...* (<http://www.jornadanet.com> – Bolívia, 16/11/2007)

O uso do pretérito perfeito simples nos enunciados anteriores se justifica por meio dos advérbios relacionados com o passado *por la mañana* e *ayer*. Como vimos na tabela anterior, esse é um contexto que parece inibir o pretérito perfeito composto em seis dos sete países considerados. O dado a seguir é o complicador desta etapa de análise:

- (13) *Más de 100 personas han muerto ahogadas en el Golfo de Aden la semana pasada cuando intentaban alcanzar Yemen de forma ilegal a borde de embarcaciones organizadas por traficantes desde Somália (...) Algunos han fallecido tras pisar tierra yemení, a consecuencia de los malos tratos recibidos de manos de los traficantes'.⁷*

Em (13) aparecem as duas ocorrências do pretérito perfeito composto num contexto em que o esperado seria o pretérito perfeito simples: o que estou chamando de *contexto temporal de passado remoto*, evidenciado pelo modificador *la semana pasada*. A presença desses dois dados impede-nos de admitir a regra categórica – se aparecem dois dados na língua escrita, é possível que o índice aumente na língua falada. Por outro lado, inibe-nos também de afirmar, com a segurança anterior, que estamos diante de uma regra variável, já que um percentual de 96,8% é quase categórico. Cabe aqui uma decisão do pesquisador: a) admitir que dois dados sejam suficientes para afirmar que PS

⁶ “Ayer” representa todos os modificadores temporais que não contemplam o momento da enunciação, como: *el año pasado, el mes pasado, la semana anterior, hace diez años, en aquél siglo*, entre outros.

⁷ Dado presente em periódico espanhol. In: Oliveira (2007).

e PC são variantes também no contexto temporal de passado remoto ou b) acreditar que essa baixa incidência retrate, na verdade, uma regra categorizada.

Ao analisar os tipos de regras linguísticas, Labov (2003, p. 241 - 243) apresenta uma solução para esse impasse, apresentando a noção de regra semi-categórica – certas violações passíveis de interpretação. Logo, na amostra analisada, os dois pretéritos aparecem como regra categorizada em seis países: Argentina, Bolívia, Chile, Cuba, México e Peru; e regra semi-categorizada na Espanha, considerando o contexto temporal de passado remoto.

Vale defender a relevância de uma pesquisa mais aprofundada, visto que, apesar dos resultados aqui apontados, estudos linguísticos vêm mostrando a tendência da variação PS/PC também no contexto temporal de passado remoto no espanhol de Madri. A título de exemplificação, Serrano (1994) analisou o uso dos dois pretéritos castelhanos, selecionando o contexto temporal *el día de ayer*. Os 174 dados obtidos a partir de uma amostra composta de um grupo de entrevistados pertencentes a diferentes gerações e grupos sócio-culturais mostram que 122 (70%) correspondem ao pretérito perfeito composto, e 52 (30%), ao pretérito perfeito simples. Talvez esse seja um indício de que, pelo menos na língua falada, a variação apareça num percentual mais elevado do que os apresentados na tabela 3.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise aqui apresentada, podemos constatar que o estudo da variável linguística pode ir além do âmbito da fonologia, estendendo-se para o plano da morfossintaxe. Adotando o postulado de Weiner e Labov (1973) e Labov (1978), reconheço a possibilidade de se admitir que duas (ou mais) formas morfossintáticas desempenham uma mesma função, ou seja, apresentam o mesmo significado referencial.

Com base na metodologia seguida por Weiner e Labov (1973), foram selecionadas as variantes pretérito perfeito simples e pretérito perfeito composto, passando, a partir de então, para a análise dos contextos que conduzem ou não à variação.

No contexto temporal de passado recente, ao contrário do previsto pelo padrão normativo, as duas formas do pretérito perfeito parecem funcionar como variantes linguísticas, podendo aparecer uma ou outra forma. Conforme observamos nas ocorrências 7 e 8, enunciados como *Esta noche, Juan Pablo II fue dado de alta* ou *Esta noche, Juan Pablo II ha sido dado de alta* apresentam o mesmo significado referencial – é difícil imaginar um contexto em que um seja falso, e outro, verdadeiro.

Por outro lado, a amostra de Oliveira (2007) não nos possibilita aceitar com facilidade a variação entre os dois pretéritos no contexto temporal de passado remoto em todos os países analisados. Observamos nos dados da Espanha que o pretérito perfeito simples não aparece na totalidade das ocorrências do pretérito perfeito no contexto temporal em questão. Ainda que o pretérito perfeito composto tenha aparecido num percentual relativamente baixo (3,2%), esse número não pode ser ignorado, especialmente por estarmos tratando de língua escrita. A decisão metodológica foi, então, admitir que, no

contexto temporal de passado remoto, a regra é categórica na amostra das variedades argentina, boliviana, chilena, cubana, mexicana, e semi-categórica na amostra espanhola.

É importante destacar que, diferente do que propõe Labov (1978, p. 6), não foi dedicado um ano inteiro de análise dos contextos onde ocorre a variação PS/PC. Dessa forma, por não ter realizado um estudo exaustivo, considerando o fator tempo, a ideia aqui é lançar pistas sobre o fenômeno em questão. Em outras palavras, o interesse é chamar a atenção para a possibilidade de os dois pretéritos estarem desempenhando, em determinados contextos, a mesma função – variação que tende a ser resolvida, conforme os postulados da Teoria da Variação e Mudança Linguística.

REFERÊNCIAS

- ALARCOS LLORACH, E. **Gramática funcional del español**. Madrid: Gredos, 1984.
- _____. **Gramática de la lengua española**. España: Consejería de Educación, 2001.
- BELLO, A. Análisis ideológico de los tiempos de la conjugación castellana. In: _____. **Obra Literaria**. Caracas: Ayacucho, 1979 [1810], p. 415-459.
- _____. **Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos**. Madrid: Edaf, 1984.
- CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. A. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingereore G. Villaça (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1996. v. VI, p. 465-493.
- CHAMBERS, J. K. Accents in Time. In: _____. **Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance**. Cambridge: Blackwell, 1995, p. 146 – 206.
- GUTIÉRREZ ARAUS, M. L. **Formas temporales del pasado en indicativo**. Madrid: Arco Libros, 1997.
- _____. **Problemas fundamentales de la gramática del español como segunda lengua**. Madrid: Arco Libros, 2005.
- LABOV, W. The social motivation of a sound change. In: **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1963 p. ?.
- _____. **The social stratification of english in New York**. Washington, D.C., Center for Applied Linguistics, 1966.
- _____. **Modelos sociolingüísticos**. Madrid: Ediciones Cátedras, 1999 [1972].

- _____. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Working Papers in Sociolinguistics**, 44. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, 1978.
- _____. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.
- _____. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.
- _____. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON Christina B.; TUCKER, Richard (Orgs.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell, 2003.
- LAVANDERA, B. **Where does the sociolinguistic variable stop?** In: Language in Society, Great Britain, 1978, p. 171-182.
- ROJO, G.; VEIGA, A. El tiempo verbal. Los tiempos verbales. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (orgs). **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa, 1999, p. 2869-2933.
- SERRANO, María José. Del pretérito indefinido al pretérito perfecto: un caso de cambio y gramaticalización en el español de Canarias y Madrid. In: **Lingüística Española Actual XVI/1**. Madrid: 1994, p. 21-57.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1999.
- OLIVEIRA, Leandra C. de. As duas formas do pretérito perfeito em espanhol: análise de *corpus*. **Dissertação**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.
- WEINREICH, U.; LABOV, W. **Constraints on the agentless passive**. In: Journal of Linguistics 19, 1983 [1977], p. 29-58.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].
- <http://www.clarin.com>
- <http://www.elpais.com>
- <http://www.jornadanet.com>
- <http://www.larepublica.com.pe>